

“Ao Paraíso das delicias na terra”: Paraguai na cartas *indipetae* e na correspondência missionária de jesuitas italianos

"Al Paraíso de las delicias en la tierra": Paraguay en las cartas *indipetae* y en la correspondencia misionera de los jesuitas italianos

"To the Paradise of delights on earth": Paraguay in the letters *indipetae* and in the missionary correspondence of Italian Jesuits

Marina Massimi * <https://orcid.org/0000-0001-9103-9960>

Resumo: Nesse artigo, analisaremos as cartas de quatro missionários italianos que atuaram nas primeiras décadas da missão no Paraguai: Simone Mascetta, Giuseppe Cataldini, Adriano Formoso e Pietro Comentali. Ao acompanhar as histórias desses primeiros enviados em missão na nova Província, investigaremos como, aos poucos, esse território irá integrar o horizonte missionário da Companhia. Num primeiro momento, analisaremos as “índias” como objeto do desejo missionário dos quatro jesuitas em suas cartas *indipetae*. Posteriormente, a leitura de outro tipo de cartas, escritas por eles uma vez chegados ao lugar de destino e relatos de suas vivências, permitirá perceber de que modo a Província do Paraguai, de lugar objeto de desejo, tornar-se-á espaço de presença e ação missionária, até a morte. Por fim, a análise dos catálogos trienais da província permitirá entender a colocação dos quatro missionários, segundo rotulos e demandas próprias do universo da companhia vocacional a que pertencem.

Palavras-chave: jesuítas italianos nas reduções; cartas *indipetae*; Simone Mascetta, Giuseppe Cataldini, Adriano Formoso e Pietro Comentali

Resumen: En este artículo analizaremos las cartas de cuatro misioneros italianos que trabajaron en las primeras décadas de la misión en Paraguay: Simone Mascetta, Giuseppe

* Instituto Estudos Avançados - Universidade de São Paulo – E-mail: mmassimi3@yahoo.com

Cataldini, Adriano Formoso y Pietro Commentali. Siguiendo las historias de estos primeros enviados en misión en la nueva provincia, investigaremos cómo, poco a poco, este territorio integraría el horizonte misionero de la Compañía. En un primer momento, analizaremos a los "indios" como objeto del deseo misionero de los cuatro jesuitas en sus cartas *indipetae*. Posteriormente, la lectura de otro tipo de cartas, escritas por ellos una vez llegados a destino y relatos de sus experiencias, nos permitirá ver cómo la provincia del Paraguay, de objeto de deseo, se convirtió en espacio de presencia y acción misionera, hasta sus muertes. Finalmente, el análisis de los catálogos trienales de la provincia permitirá comprender la ubicación de los cuatro misioneros, según etiquetas y exigencias propias del universo de la empresa vocacional a la que pertenecen.

Palabras clave: Jesuitas italianos en las reducciones; cartas *indipetae*; Simone Mascetta, Giuseppe Cataldini, Adriano Formoso y Pietro Comentali

Abstract: In this article, we will analyze the letters of four Italian missionaries who worked in the first decades of the mission in Paraguay: Simone Mascetta, Giuseppe Cataldini, Adriano Formoso and Pietro Commentali. In following the stories of these first envoys on mission in the new Province, we will investigate how, little by little, this territory would integrate the missionary horizon of the Society. In a first moment, we will analyse the "Indians" as object of the missionary desire of the four Jesuits in their letters *indipetae*. Later, the reading of other type of letters, written by them once they arrived at their destination and accounts of their experiences, will allow us to see how the Province of Paraguay, from an object of desire, became a space of presence and missionary action, until their death. Finally, the analysis of the triennial catalogues of the province will allow understanding the placement of the four missionaries, according to labels and demands proper to the universe of the vocational company to which they belong.

Keywords: Italian Jesuits in the reductions; letters *indipetae*; Simone Mascetta, Giuseppe Cataldini, Adriano Formoso and Pietro Comentali

Recibido: 13-02-2023. **Aceptado:** 18-03-2023. **Publicado:**

Marina Massimi possui graduação em Psicóloga - Università degli Studi di Padova (1979), mestrado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1989). Professora titular aposentada da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Senior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e lidera Grupo de Pesquisa "Tempo, Memória e Pertencimento" junto ao Instituto de Estudos Avançados. Tem experiência de pesquisa na área de história dos saberes psicológicos na cultura brasileira e saberes psicológicos dos jesuítas. Foi Presidente e sócia fundadora da Sociedade Brasileira de História da Psicologia de 2013 a 2017. Membro da Academia Ambrosiana (Milão). Foi Coeditora da Revista Memorandum: Memória e História em Psicologia.

Cómo citar: Massimi, M. (2023). “Ao Paraiso das delicias na terra”: Paraguai na cartas *indipetae* e na correspondência missionária de jesuitas italianos. *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, 11, 1-30. DOI: <https://doi.org/10.31057/2314.3908.v11.40822>



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: **No Comercial / Compartir Igual** (*by-nc-sa*)

<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/index>

As *Indipetae* e o horizonte missionário

As cartas conhecidas como *indipetae* foram escritas por jovens jesuítas europeus, normalmente noviços e destinadas ao Padre Geral da Ordem: têm por objeto o pedido para serem enviados em missão em terras distantes. A leitura dessas fontes, milhares de documentos redigidos de modo ininterrupto entre 1560 e 1960, com exceção do período de extinção da Companhia (1773-1814), evidencia que o impulso missionário foi concebido como um elemento central da identidade jesuíta. (Colombo & Massimi, 2014).

As *indipetae* assumem um caráter autobiográfico e o desejo missionário é o tema dominante¹. As práticas dos exercícios espirituais, o discernimento e a direção espiritual e sobretudo a aquisição da virtude da obediência modulam o desejo missionário dos escritores. De fato, os *indipetae*, além de terem a função de solicitar ao Padre Geral que os envie às missões, são também a demonstração dos resultados do caminho de formação dos aspirantes à Companhia de Jesus, na busca da conformidade aos modelos exemplares: Cristo, Inácio, Francisco Xavier.

A manifestação do desejo missionário implica também a sugestão de um destino, apesar de a preferência expressa sempre estar remetida à avaliação e à decisão do superior, cuja vontade é reconhecida como expressão da vontade divina.

A indicação dos destinos pretendidos permite entender os conteúdos do horizonte missionário dos jovens aspirantes: inicialmente, são China, Japão, Índia, e depois aparecem também México, Perú, Brasil. Nas primeiras décadas do século XVII, aparece uma nova meta: o Paraguai.

“Na Índia, ou em qualquer outra parte do mundo”²

Os jesuítas italianos Simone Mascetta e Giuseppe Cataldini foram dentre os pioneiros da missão da Companhia na Província do Paraguai³. Ainda noviços nos colégios italianos, em sua manifestação do desejo missionário pela Carta *Indipeta* enviada ao Padre Geral Claudio Aquaviva (1543-1615), aparentavam desconhecer a existência daquele novo destino da ação dos inicianos. De fato, ao indicar suas preferências quanto ao envio, se referiam a localidade das Índias Orientais, como Japão, China, Índia, ou, ainda, Turquia. Todavia, em virtude da indiferença que os levava a dizer-se disponíveis para serem enviados “nas Índias, ou em qualquer outra parte do mundo”, foram escolhidos para integrar o primeiro grupo dos religiosos destinados à nova Província do Paraguai, juntamente com os espanhóis Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652) e Martín Javier de Urtasún (1590-1613).

¹ Acerca do tema do desejo e do teor autobiográfico das *Indipetae*, remetemos à leitura de estudos anteriormente desenvolvidos: Massimi & Vilela e Souza (2002); Massimi & Prudente (2002); Massimi & Pacheco (2005); Massimi (2014); Massimi & Brunello (2016); Massimi (2022).

² Para facilitar a leitura e para limitar a extensão do texto em atenção às normas da revista usaremos apenas as traduções dos trechos citados cujos originais foram escritos nos idiomas italiano e castelhano.

³ Acerca dos dois italianos, há uma ampla literatura: Jarque (1664); Page (2023); Neris & Rojas (2023); Cortesão (1951); Techo (1897) [1673]; Furlong (1936); Furlong (1963); Hernández (1913).

Simone Mascetta nasceu em 1577 na aldeia de Castilenti (Província de Téramo), na Itália). Sabemos, por uma anotação escrita na *Indipeta*, que frequentou o Colégio de Atri, cidade natal do próprio Aquaviva. No dia 1 de fevereiro de 1606 entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Nápoles. Escreveu uma *indipeta* do Colégio de Nápoles no dia 20 de julho de 1606⁴. Nela, aos vinte e nove anos de idade, Simone relatava ao Padre Geral Claudio Aquaviva seu percurso de vida: o aceno aos anos da juventude “gastos no século”, antes do chamado a entrar na Companhia, atribuído a uma graça sobrenatural (“Jesus...por Sua misericórdia e pela intercessão da Virgem Bem Aventurada e dos Santos Apóstolos”). As motivações que o levam a pedir o envio em missão são relacionadas ao desejo de bem empregar o tempo restante da existência: “para não ser ingrato por tão grandes benefícios, para pagar em alguma medida a penalidade por meus graves erros; e para começar a sofrer e derramar meu sangue alegremente e em todas as oportunidades pelo amor de Deus, quando a necessidade surgir”.

Mascetta indica os destinos missionário preferidos: Índia, Moscovia e Turquia; mas também se declara disponível à ida “onde Vossa Paternidade julgar ser para a maior glória de Deus”. Na época dessa carta, o Paraguai e as Índias Ocidentais não estavam no horizonte missionário de Mascetta⁵. Ele afirma que o núcleo de seu desejo das Índias é a imitação de Cristo: “desejo (...) que através do contínuo padecer, eu possa saborear Cristo e de alguma forma imitá-lo”. A referência à Francisco Xavier completa o pedido, conforme o hábito comum dentre os *indipetentes*, por ser essa figura o exemplo vivente do carisma missionário dos *inacianos*. A exigência de “bem empregar o tempo da vida” coincide, portanto, com a imitação de Cristo e de seus discípulos, incluindo-se nisso os santos da Companhia. Mascetta descreve sua condição presente: “estou bem de saúde, e forte de corpo, mas fraco e frágil de espírito, ao qual espero que Nosso Senhor dê vigor e força, com esta viagem que farei, (...) e saúde de alma”. A “viagem” é imaginada como fonte de “vigor e força” ao espírito “fraco e frágil”, mas é possibilitada por “estar bem de saúde e forte de corpo”. De fato, forças e saúde do corpo serão as qualidades exigidas pela árdua missão que lhe será confiada uma vez chegado ao território paraguaio.

O pedido de envio em missão de Simone Mascetta foi aceito, de modo que, no dia 4 de março de 1608, chegou ao porto de Buenos Aires,⁶ após longa viagem de dois anos documentada pela primeira relação de viagem missionária rumo à Província do Paraguai (Page, 2007). O grupo era composto por cinco padres e dois coadjutores. A travessada marítima foi uma longa e sofrida verificação do desejo missionário à prova dos fatos. Deixaram Lisboa, passaram pelas Ilhas Canárias e foram molestados por um navio inimigo. Na ocasião, os padres conversaram entre si sobre o que fazer no caso de ataques ao navio e todos eles decidiram que estariam prontos para morrer como filhos da Companhia de Jesus⁷. Todavia, o

⁴ ARSI, FG 733 390 e 390v

⁵ Com efeito, Diego de Torres Bollo ainda se encontrava na Europa, e tinha apenas obtido a aprovação do Padre Geral da Companhia para a formação da nova Província do Paraguai. Tratava-se, portanto, de uma nova perspectiva que estava se delineando.

⁶ ARSI, Paraq. 11, 24; Pastells, 1912, 138.

⁷ O desejo e a disponibilidade ao martírio caracterizam a identidade do jesuíta. Conforme o texto do Exame a que é submetido o candidato à Companhia, esse deve ser “movido pelo desejo de assemelhar-se e imitar em alguma medida nosso Criador e Senhor Jesus Cristo, vestindo Seu manto e uniforme, precisamente porque Ele mesmo se revestiu disso para nosso maior lucro espiritual, e com isso nos deu um exemplo, para que em todas

navio inimigo partiu e não voltou. A relação descreve também a terrível tempestade na qual os viajantes recearam perecer. Finalmente, conseguiram chegar ao porto do Rio de Janeiro e o Procurador Geral daquela Província e um outro padre foram ao navio para encontrá-los. Na cidade, foram recebidos pelo Pe. Pedro Rodríguez e o reitor, acompanhado pelos padres mais anciãos do Colégio, onde o próprio superior lavou os pés de todos, evocando o que Jesus fez com seus discípulos. Depois de dezoito dias de permanência, Mascetta e os demais enviados partiram rumo ao porto de Buenos Aires. Quando chegaram, à noite, o governador não pôde recebê-los; mas enviou alguns franciscanos e capitães com uma carta e levando frutas e outros presentes. Ao amanhecer, dois oficiais reais vieram para desembarcá-los. A seguir, os missionários foram para o Colégio de Córdoba.⁸ Depois do período de adaptação passado em Córdoba, Simone Mascetta junto com Giuseppe Cataldini foram para Asunción⁹. No dia 29 de setembro de 1619, Simone fez a profissão solene em Asunción; e foi enviado no território de recém-criada Província para realizar a missão da evangelização dos indígenas, juntamente com Giuseppe Cataldini, Martin Urtasún e Antônio Ruiz Montoya. (Storni, 1980, 178).

A respeito da atuação de Mascetta e Cataldini junto aos nativos do Guairá, o Provincial do Paraguai, Diego de Torres Bollo escreveu na carta anua de 1612. Por esta, sabemos que, após sete meses empregados na atividade missionária com os espanhóis, ambos caíram enfermos e convalesceram na cidade de Vila Rica de Espírito Santo. (Leonhardt, 1927). Acerca desse episódio, uma carta de Aquaviva de 1608 em resposta àquela de 28 de março enviada por Mascetta, expressa satisfação pela restabelecida saúde corporal dos dois italianos e deseja que o Senhor a conserve para que possam emprega-la para colaborar ao serviço e saúde espiritual dos nativos. (Morales, 2005, 41-42).

Ainda acerca da missão de Mascetta e Cataldini junto aos colonos, Torres Bollo relata que, por ocasião de um jubileu geral concedido a toda a Cristandade, os dois padres realizaram pregações aos moradores castelhanos daquela região exortando a ganhar a indulgência papal e comenta que esses eram “pessoas tão afastadas da fé que não se interessaram pelo jubileu”. O Provincial se refere aos colonos como a “peitos endurecidos na libertinagem da carne e nos maus tratos e desagradados contra os índios” aos quais “tinham imposto um rigoroso serviço pessoal obrigando-os também a colher com excessivo trabalho uma erva de que usam”, ou seja a erva mate¹⁰. Por causa disto, os dois padres italianos “acharam nessas populações de espanhóis enormes empecilhos” para atingir suas consciências e move-los à conversão: as pregações deles pareceram não lograr efeitos junto a indivíduos que “não estavam acostumados às repreensões, temores e freios que a prática continuada da palavra de Deus costuma colocar”. (Leonhardt, 1927, 494).

as coisas possíveis para nós, por Sua graça, possamos procurar imitá-lo e segui-lo, pois Ele é o caminho que conduz os homens à vida”. (Loyola. Exame, capítulo IV, nº 44).

⁸ Uma descrição da chegada dos novos missionários junto ao colégio é citada por Page (2007): trata-se do diário de Padre Peramás, redigido muitos anos depois, narrando que a recepção foi feita pelo Padre Reitor e pela comunidade dos estudantes. A respeito do Colégio de Córdoba, veja-se Page (2004).

⁹ Sobre a viagem dos dois missionários veja-se também Del Techo (1897, vol. II), que narra como os dois para chegar até as terras povoadas pelos índios atravessaram rios, lagoas, desafiando todo tipo de perigos e chegaram no Guairá no dia da festa da purificação de Nossa Senhora, no ano de 1610.

¹⁰ A observação destes fatos inspirou Torres Bollo na elaboração do projeto reducional: Friás, S. (2002). Segundo Levinton (2018), na região do Guaira a principal atividade econômica era a produção da erva mate com a utilização da mão de obra indígena mediante a encomenda.

Após realizar essa infrutuosa atividade, Mascetta e Cataldini voltaram-se para a missão junto aos índios que tinha sido a eles destinada, na região da “Tibajida”, próxima do rio Tibagi, localizada no atual território brasileiro de Tibagi, no estado do Paraná. O rio era rico em ouro e pedras preciosas e a região densamente povoada por grupos Jês meridionais e tupis-guaranis, que viviam essencialmente da caça de animais e da coleta de frutos e mel. (Parellada: 2005; 2006; 2007). Segundo a descrição feita posteriormente por Montoya, os “povoados de índios viviam à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três ou mais” (Ruiz de Montoya, 1997, 35 e 54). Desse modo, quando os dois italianos subiram em sua viagem pelo rio acima”, “saíram ao seu encontro muitos índios de diversas nações em suas canoas”¹¹. Torres Bollo relata que cada grupo de índios “desejava e pedia que os Padres fossem a suas terras”, mas que os dois preferiram prosseguir seu percurso pelo rio buscando terras maiores e mais espaçosas, na parte alta para evitar perigo de inundações. Finalmente “tomaram assento em Pirapó”. O rio Pirapó é localizado na mesorregião Norte Central do atual estado do Paraná, afluente do rio Paranapanema. Os jesuítas constataram ser uma região de terra fértil e apropriada para o cultivo da terra.

Uma vez lá estabelecidos, os dois jesuítas enviaram alguns mensageiros para “chamar os índios vizinhos para que viessem povoar ali. De fato, até Pirapó pode se vir de canoa e balsa muito segura e sem risco, pelos recifes e saltos do rio”. (Torres Bollo. Em: Leonhardt, 1927, 495). O Provincial narra que várias povoações responderam positivamente ao convite e “no fim do primeiro assentamento e acordo, os caciques “trocaram a palavra” entre eles e “deram seu nome para fazer dos seus povos, um só”. Nesse primeiro assentamento em Pirapó devia haver acerca de “três mil índios que contados com suas mulheres e filhos de três turmas a seis, cada casa, são dezoito mil almas”. Seriam todos eles fundadores e moradores da primeira redução, dedicada à Nossa Senhora de Loreto. Outra obra dos dois missionários, segundo Torres Bollo, foi a fundação da redução de Santo Ignacio: “logo pelo rio acima acerca de oito léguas”, um povoado de “outros dois mil índios, que será de doze mil almas”. O provincial elogia os dois pelos “trabalhos que entre eles padecem (...) por estarem em terra tão destituída do necessário”. (Torres Bollo. Em: Leonhardt, 1927, 495).

A narrativa da carta anua mostra como, na vida de Simone Mascetta, através das circunstâncias relatadas, se realizara aquele desejo de “padecer” por Cristo e bem “empregar o tempo”, declarado na *indipeta*. Certamente, quando a escrevera não imaginaria tudo o que iria acontecer: que apesar de ter um corpo “vigoroso” adoeceria logo após a chegada ao Paraguai; que pregaria em vão a conversão para cristãos espanhóis de coração “endurecido”, escravistas e dissolutos. Mas quando o missionário de Napoli, junto com seu companheiro, chegara nas terras do rio Tibajida, ao ver que “saíram ao seu encontro muitos índios de diversas nações em suas canoas” e que “cada um deles desejava e pedia que os Padres fossem a suas terras” (Leonhardt, 1927, 495), provavelmente reconheceu que o “desejo do coração” expresso em sua juventude ao Padre Geral, encontrara “o desejo de que fossem em suas terras” daqueles índios. Nessa convergência, originou-se a primeira experiência daquelas que serão depois chamadas de Reduções: “trocaram a palavra e deram seu nome para fazer dos povos um só”.

¹¹ As informações arqueológicas dão conta de que os padres encontraram as aldeias localizadas entre 30 m. e 300 m. de distância do rio.

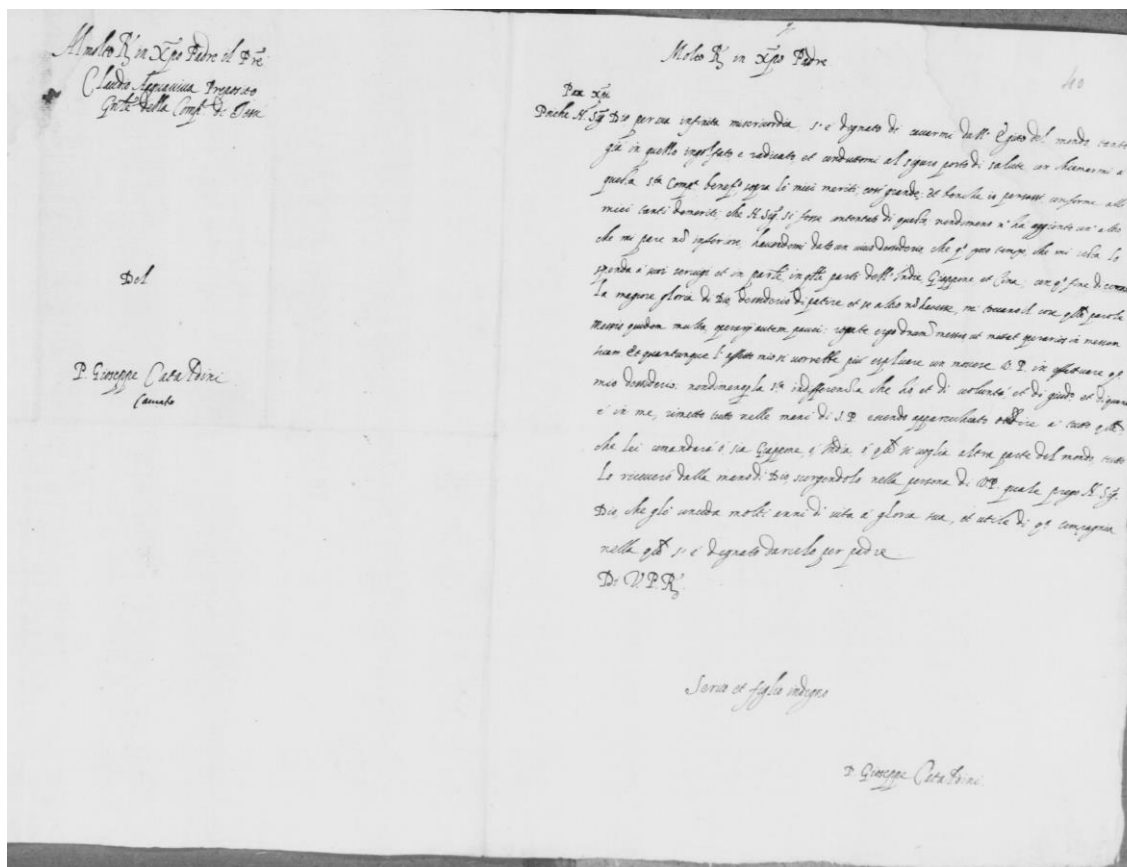
Mais tarde, Simone Mascetta, junto com os demais missionários teve que vivenciar também o drama da invasão e da destruição dos primeiros conjuntos reducionais por obra dos bandeirantes paulistas que cativaram dez mil índios. A troca epistolar entre os missionários e o Padre Geral documenta os acontecimentos.

Desses fatos, trata a carta enviada para Mascetta pelo Padre Geral Muzio Vitelleschi, em 1630, em resposta a duas cartas redigidas aos 3 de outubro de 1629 e aos 25 de janeiro 1630, em que o missionário lhe comunicara "que alguns portugueses do povo de São Paulo saquearam as Reduções de Santo Antônio, São. Miguel e Jesus Maria e cativaram um bom número de índios". Mascetta contara-lhe também a inútil tentativa dele e do outro missionário Justo Mansilla negociarem com os invasores quanto à liberdade dos nativos. Após a leitura dessas cartas, Vitelleschi declara-se "consolidado" ao saber da "grande caridade e santo zelo com que se amparam, defendem e ajudam esses pobres naturais" (Morales, 2005, 405); e informa ter enviado o Padre Procurador das Províncias Francisco Crespo junto à Corte de Madri, para solicitar providências contra as incursões dos bandeirantes. Em outra carta de 1631, Vitelleschi responde às enviadas por Mascetta aos 15 de dezembro de 1629 e aos 22 de julho de 1630 que o avisavam acerca daquilo "que os vizinhos da Villa de São Paulo fazem contra os índios de nossas Reduções, coisas que de verdade quebram o coração". Vitelleschi responde dizendo "implorar a Divina Majestade que por sua misericórdia ampare e defenda esses pobres índios que padecem sem culpa" (Morales, 2005, 428).

Em despacho de 1633 ao Padre Provincial Francisco Vasques Trujilo, Vitelleschi afirma ter recebido em 1630 quarenta e duas cartas enviadas da Província do Paraguai lamentando as invasões dos bandeirantes. Dentre várias recomendações, pede que avise Padre Simão Mascetta e Padre Justo Mansilla para que "não aconteça outra vez de ir-se com tanto perigo da vida atrás dos índios das reduções: o zelo é bom mas deve ser regrado pela prudência" (Morales, 2005, 48.). Apesar disso, "o zelo" move Mascetta a permanecer junto aos índios reduzidos: em março de 1637, escreve novamente a Vitelleschi "as grandes desgraças padecidas nas reduções". Vitelleschi ao responder-lhe em 1639 lhe garante que a Coroa espanhola está providenciando um "remédio eficaz" (Morales, 2005, 567). Com efeito, padre Crespo solicitara ao monarca espanhol permissão para a aquisição de armas de fogo de modo que os índios reduzidos pudessem constituir um exército para rechaçar as invasões dos bandeirantes. De fato, a partir de 1641, as milícias indígenas conseguiram deter as entradas dos paulistas e Simone Mascetta e os demais missionário puderam dar continuidade à constituição das comunidades de índios reduzidos.

Além das cartas, aspetos da biografia e da personalidade de Simone Mascetta podem ser apreendidos pela consulta dos Catálogos Trienais da Companhia da Província do Paraguai. Trata-se de um tipo de fontes de grande importância para o conhecimento de traços biográficos e do perfil psicossomático de cada jesuíta e também para o entendimento dos critérios que orientavam a atribuição de sua função no âmbito da Companhia. Os *Catálogos* organizam-se em três partes: o *Catálogo Primeiro*, fornece informações acerca de cada jesuíta: nome, sobrenome, naturalidade, idade, estado de saúde, tempo de vida religiosa na Companhia, formação intelectual realizada, antes e depois do ingresso na Companhia, ministérios desenvolvidos e sua duração, graus obtidos e data dos votos definitivos. Neste Catálogo, a cada jesuíta é atribuído um número, correspondente ao nome. O *Catálogo Segundo* é secreto e reservado apenas à leitura do Provincial e do Padre Geral, e avalia as aptidões de cada um:

é organizado por número, sendo omissos os nomes correspondentes, devido ao caráter reservado dos dados nele contidos. O documento fornece informações acerca do perfil de cada jesuíta, de modo tal que poderíamos defini-lo numa linguagem atual, como uma espécie de perfil psicossomático dos indivíduos membros da Ordem. Com efeito, refere-se a vários aspectos psicológicos e comportamentais: o "engenho"¹², o "juízo"¹³, a



Carta indipetae do P. Giuseppe Cataldini ao general Claudio Aquaviva

¹² A primeira categoria que comparece nos *Catálogos Segundos*, é expressa pelo termo latino “*ingenium*”, que corresponde ao termo castelhano “*entendimiento*”, utilizado por Inácio em seus textos e que designa a faculdade de pensar e de julgar. A capacidade de pensar, ou potência intelectual (no vocabulário aristotélico-tomista) assume um papel fundamental nos *Exercícios*: iluminado pela graça divina permite a compreensão e o reconhecimento da verdade, determina a ação com a colaboração do livre arbítrio e a formulação de propósitos e planos. Guiado pela humildade, o engenho pode elevar-se a Deus, mas se for estimulado pela soberba, poderá afirmar-se a si mesmo. Portanto, trata-se de uma qualidade importantíssima, mas que deve ser formada de modo virtuoso, na perspectiva do “*modus vivendi*” jesuítico. (Massimi, 2000 e 2010).

¹³ A categoria do “juízo” é usada nas *Constituições* da Companhia de Jesus, na correspondência epistolar e nos escritos jesuíticos, assumindo diversas significações: é associado ao julgamento do fim dos tempos, entendido como pensamento do indivíduo acerca de si mesmo e como avaliação do indivíduo pela comunidade (Massimi, 2000 e 2010).

“prudência”¹⁴, a “experiência das coisas”¹⁵, a “compleição” (ou temperamento)¹⁶, o “talento”¹⁷. Apesar de ser assinado pelo Padre Provincial, normalmente é redigido pelo superior local do Colégio. O *Catálogo Terceiro* refere-se à situação material (numérica, econômica, etc.) das casas ou colégios da Companhia nas diversas Províncias¹⁸.

¹⁴ A “prudência”, outra categoria que comparece nos *Catálogos* assume grande importância na literatura jesuítica e na literatura da primeira Idade Moderna, pela retomada renascentista do ideal aristotélico da moderação e do equilíbrio. As biografias de Loyola o retratam como homem dotado de prudência; e essa virtude é enfatizada pelas *Constituições* como indispensável para o exercício do governo, sendo todo excesso considerado perigoso. Manuel de Góis, nos *Comentários Conimbricenses da Ética aristotélica*, dedica um inteiro capítulo à prudência (*Disputatio VIII*), considerada como a mais importante entre as virtudes morais e retoma a definição aristotélica da prudência como “o hábito de praticar ações verdadeiras segundo o que é razoável acerca do que é o bem ou o mal para o homem” (Góis, 1957, 255). Ela é a virtude que ensina “o modo de bem viver” (Góis, 1957, 257), indicando o que deve ser evitado e o que deve ser procurado.

¹⁵ A concepção de “experiência das coisas” é sintetizada pela formulação filosófica de Góis, no Comentário Conimbricenses à ética aristotélica: a experiência é adquirida após o agir (*modum operandi*) e o precedente (e/ou consecutivo) pensar (*modum cogitandi*) com envolvimento de todas as potências anímicas e conduz à verdade e ao bem. Nela, todas as potências anímicas são envolvidas. A referência à experiência comparece frequentemente nos textos de Góis e nos demais escritos filosóficos da Companhia. Além disto, a experiência é uma categoria que pertence ao universo da regulação tanto espiritual e corporal quanto jurídica e institucional da Companhia. Na correspondência missionária, encontram-se quatro sentidos do uso do termo experiência: prova e experimento (*peiria*); conhecimento, habilidades e práticas derivados da *peiria* (*empiria*); abertura do sensível para o transcendente, abrindo ao conhecimento da revelação da ação divina nas circunstâncias da história humana (mística); e identificação de cada jesuíta com a vivência do fundador e com os valores e os fins da Companhia (experiência modelar). Todos esses sentidos são relacionados entre eles, por serem etapas de um processo unitário que leva ao conhecimento da realidade e são sintetizados na expressão “experiência das coisas”.

¹⁶ A concepção de temperamento tem origens no século 400 aC, na doutrina médica dos humores que foca a presença no corpo humano dos quatro elementos do cosmos (ar, água, fogo e terra). Os humores são quatro substâncias empiricamente evidenciáveis no corpo humano como fruto do metabolismo: sangue, fleuma, bílis amarela (cólera) e bílis preta (melancolia). Essa estrutura básica do ser humano é chamada de compleição. A composição humoral do organismo é também tida como responsável pelas qualidades psíquicas do indivíduo (temperamento). Em sua evolução, a teoria recebeu a importante contribuição pelo médico grego Hipócrates, no século V aC, e no século I d C, pelo médico romano C. Galeno. Séculos mais tarde, o *Examen del los ingenios* do médico espanhol Huarte de San Juan (1574) retoma a teoria na perspectiva da relação entre saúde do corpo individual e do corpo político. A consideração do temperamento é julgada importante para a formação e o desenvolvimento das qualidades morais da pessoa e para o discernimento do lugar que ela deve ocupar na sociedade, indicando também particulares predisposições e talentos para certa arte, ou ciência. Tal concepção que considera cada membro da sociedade em função do bom funcionamento do conjunto, possivelmente inspirou a estrutura dos *Catálogos Segundos*. (Massimi, 2000 e 2010).

¹⁷ A última categoria que comparece na *Formula scribendi* dos *Catálogos* é “*Officia Et Talenta*”. As Constituições da Companhia atribuem ao Padre Geral a tarefa de distribuir as funções de maior responsabilidade conforme aos talentos. Ao Padre Provincial cabe escolher o preposto, o mestre de noviços, os responsáveis dos serviços materiais, os confessores, os consultores, os pregadores e os docentes (*Institutum II, Regulae Prov., 79*). A nona parte das *Constituições* descreve as atribuições e qualidades específicas exigidas para o exercício de cada ministério. Nas *Regras Particulares* (*Institutum*, vol. III), para cada ofício são indicadas por normas detalhadas. Deste modo, ordenada conforme uma estrutura hierárquica de funções – desde o Padre Geral, ao cozinheiro e ao enfermeiro - a Companhia de Jesus constitui-se num organismo material, anímico e espiritual, ou seja, um corpo no sentido pleno e integral do termo. Deste corpo anímico e espiritual, os *Catálogos* são registros e ao mesmo tempo instrumento, expressão e articulação, representação e modo de composição. (Massimi, 2000 e 2010).

¹⁸ Os *Catálogos Trienais* eram redigidos por cada comunidade jesuítica, por ordem do Padre Geral da Companhia de Jesus. Elaborados desde 1556, a partir de 1598, consta neles uma caracterização mais detalhada de cada

Nos Catálogos da Província do Paraguai, encontra-se o perfil de Simone Mascetta assim como descritos por seus superiores. No Catálogo de 1614, redigido por Torres Bollo, Simone Mascetta, que na época tem 38 anos de idade, comparece como um sujeito de boas forças físicas, tendo cursado cânones e casos de consciência e indicado como apto para o ministério de evangelização junto a espanhóis e índios¹⁹. No Catálogo de 1620, redigido por Pedro de Oñate, Mascetta, é indicado como membro da missão do Guairá e com características análogas às do catálogo anterior²⁰. Já no Catálogo segundo, ou secreto,²¹ Mascetta é descrito como possuindo “mediócras” “engenho”, “juízo” “prudência”, e “pouca experiência das coisas” Coloca-se também que seu temperamento é “melancólico” e indica-se como apto para missão a junto aos índios. No Catálogo primeiro de 1623²², Mascetta é novamente descrito como tendo boas forças e apto para a missão entre índios e espanhóis; e no Catálogo segundo, é representado como dotado de bom engenho, bom juízo, grande prudência, discreta experiência das coisas, complexão boa, e lhe é atribuído talento para governar os índios. No Catálogo de 1626²³, se reconhece que Mascetta ainda dispõe de boas forças físicas e capacidades para a missão junto a índios e espanhóis. Nenhuma novidade respeito às informações de 1623 consta no Catálogo segundo.²⁴ No Catálogo de 1631²⁵, as características permanecem inalteradas mesmas; e o mesmo vale para o catálogo segundo. Situação semelhante se registra na análise do Catálogo primeiro de 1637²⁶, faltando o segundo. Já no catálogo de 1644²⁷, as forças físicas de Mascetta são rotuladas como medianas mas continua indicado para a atuação missionária junto a espanhóis e índios. No catálogo de 1647, escrito por G. Ferrufino. as forças do jesuíta napolitano já estão “consumidas”²⁸, mas apesar disto ainda é ativo junto a índios e espanhóis. Em 1651²⁹, Mascetta, descrito já como carente de forças físicas, permanece trabalhando junto a índios e espanhóis; já o catálogo secreto lhe atribui bons juízo e entendimento, grande prudência e uma discreta experiência das coisas, sua complexão é temperada e mostra talento para a missão junto aos índios. A última referência a Simone Mascetta

indivíduo. As normas para a redação dos catálogos são fornecidas pela *Formula scribendi*, inserida a partir de 1580 nas Regras (no Livro Terceiro dos *Institutum*, coletânea dos textos oficiais da Companhia de Jesus). A partir das informações proporcionadas pelos Catálogos - instrumento periódico e sistemático para o conhecimento da situação concreta da Ordem, ao longo do tempo e em todos os lugares de sua presença - podia ser planejada e organizada a distribuição, ou redistribuição, dos membros da Companhia no tempo e no espaço, segundo critérios ideais fornecidos pela visão da Companhia, a mentalidade da época e a demanda concreta de cada situação. (Massimi, 2000 e 2010).

¹⁹ ARSI, Paraq. 4-I, 12v, n. 2.

²⁰ ARSI, Paraq. 4-I n. 87 folha 46v

²¹ ARSI, Paraq. 4-I n. 28 f. 56

²² Mascetta é o número 87, In ARSI, Paraq. 4-I, 71v

²³ Simone Mascetta é o número 172.

²⁴ ARSI, Paraq. 4-I (f108),

²⁵ Mascetta é o número 142. In: ARSI: Paraq. 4-I 123v e 131v

²⁶ ARSI, Paraq. 4-I 146, (140v)

²⁷ Mascetta é n. 161. ARSI, Paraq. 4-I, f. 151

²⁸ ARSI, Paraq. 4-I, 162v

²⁹ ARSI, Paraq. 4-I n. 156. 177v e 188v.

nos catálogos da Província se acha em 1656³⁰. O autor, Francisco Vasquez, escreve que suas forças estão definhando, mas que ele continua exercendo sua missão junto aos índios; no Catálogo segundo ou secreto é descrito como tendo bons, entendimento, juízo, prudência e experiência das coisas, complexão temperada e apto para missão junto aos índios. Chama a atenção que ao longo do tempo, mesmo no definhar das forças físicas e através do aperfeiçoamento progressivo das qualidades intelectuais e morais, se confirma fielmente sua dedicação à missão junto aos índios, até os últimos dias da vida. De fato, após uma longa e operosa existência dedicada à missão junto aos nativos, quarenta anos depois da fundação da Redução de Santo Ignacio, aos 10 de outubro de 1658, Simone Mascetta falece nela (Storni, 1980, 178). Sua história realizara plenamente o desejo expresso na *indipeta*, de que “através do contínuo padecer, eu possa saborear Cristo e de alguma forma imitá-lo”.

“Do Egito do mundo, ao porto da saúde”

Giuseppe Cataldini, companheiro de missão de Simone Mascetta, nasceu em 1571 nas Marcas de Ancona, na cidade de Fabriano; na idade de treze anos entrou no Seminário diocesano. Depois foi para Roma para estudar teologia e filosofia no Colégio Romano da Companhia, foi ordenado Padre e celebrou sua primeira missa no Santuário mariano de Loreto. Foi enviado em Roma como reitor do Colégio da Irmandade dos Bergamascos e nessa cidade aprofundou a amizade com os jesuítas, de modo que finalmente entrou no noviciado da Companhia em Roma no primeiro de março de 1602, aos trinta anos de idade (Storni, 1980; Levinton, 2018; Soto Antuñedo, 2023).

De Roma, Cataldini enviou a Cláudio Aquaviva uma *indipeta* da qual não possuímos a data³¹. Nela, exordia manifestando gratidão pela iniciativa divina, que “expulsou-o do Egito do mundo, tanto já engolfado e entrincheirado nele” e o conduziu “ao porto seguro da saúde, chamando-me a esta Santa Companhia”. Manifesta o desejo de bem empregar o tempo de sua existência: “um desejo ardente de que o pouco tempo que me resta, eu o passarei ao seu serviço e naquelas partes das Índias”. E indica alguns destinos preferenciais: “Japão e China, ou Índia”. Cataldini diz sentir-se chamado à solicitude pastoral, evocando o trecho evangelico de que a messe é muita e poucos os operários (Lucas, 10, 2) e de ter um intenso “desejo de padecer” pela salvação das almas, desejo que não consegue expressar como gostaria. Afirmando a virtude jesuítica da indiferença que ordena esse desejo à vontade e ao juízo, Cataldini remete a decisão ao Superior e se declara disposto à obediência: “no entanto, pela santa indiferença que tenho, na vontade, no juízo e em tudo o que há em mim, coloco tudo nas mãos do Vossa Paternidade pois estou pronto para obedecer a tudo o que ela vai comandar”. A prontidão de Cataldini (“pronto para obedecer”) se declina também no fato de que, apesar das preferências acima manifestas, ele conclui a carta declarando que “qualquer outra parte do mundo” será o o destino que “receberei tudo da mão de Deus, reconhecendo-O na pessoa do Vossa Paternidade”. Nessa expressão sintetiza de modo exemplar o sentido do carisma jesuítico.

Seu pedido de envio em missão foi atendido pelo Padre Geral: destinado ao Peru, chegou em 22 de novembro de 1604; posteriormente foi mandado ao Paraguai, em 1605. Em

³⁰ ARSI, Paraq. 4-I n. 144. 201v e 210.

³¹ ARSI, FG, 732 v.1. n. 40.

1610 fundou as Reduções de Nossa Senhora de Loreto e de Santo Ignacio, na região do Gauyrá juntamente com Mascetta. Proferiu os votos perpétuos em 1 de novembro de 1613 em Asunción; e tornou-se Superior dos guaranis (1644-46). (Storni, 1980, 61).

A exemplaridade na vivência do carisma inaciano encontra-se na vida missionária de Giuseppe Cataldini. Quando em 1612 Antônio Ruiz de Montoya (Lima, 1585-Lima, 1652) e Martín Xavier Urtasun (Pamplona, 1590-Loreto (Guairá), 1614), chegaram na Redução de Nossa Senhora de Loreto, Montoya relatou ao Provincial em sua carta sua grande estima por Cataldini e Mascetta, declarando acerca deles que eram homens valorosos os quais viviam em extrema pobreza e eram ricos em alegria. Montoya descreve os remendos das vestes e sapatos dos dois, a cabana semelhante à de anacoretas, a escassez de alimentos e o fato de que, apenas os viram chegar, abraçaram-nos com grande alegria e os levaram para casa. (Ruiz de Montoya citado em: Leonhardt. 1927).

Foco semelhante quanto à exemplaridade do testemunho de Cataldini se encontra na carta escrita em 1608 pelo Padre Geral Claudio Aquaviva: ao responder uma missiva do dia 29 de agosto de 1606 e por ele recebida somente em fevereiro de 1608, Aquaviva lamenta a demora na chegada da carta e conta que sua leitura lhe trouxe grande consolação por perceber a dedicação do missionário no empenho em Asunción (Morales, 2005).

Naqueles anos, a correspondência entre o Padre Geral, Cataldini e os demais missionários da nova Província é muito frequente. Ainda em 1608, outra carta de Aquaviva chega, em resposta a de 29 de março de 1608. Mais uma vez, Aquaviva afirma o sentimento da consolação experimentado na leitura da missiva, ao aprender as obras de Deus “por meio de tão poucos operários que estão nela” (Morales, 2005, 32) e “a alegria que VR e todos os demais mostram ter com o fruto que os olhos veem quanto à ajuda das almas. Parece terem cumprida já a paga do centuplo tão prometida pelo Evangelho” (Morales, 2005, 32). Em 1609, houve outra troca de cartas entre Cataldini e Aquaviva: este, na resposta a uma do mês de dezembro de 1609, elogia Giuseppe e e os demais missionarios pelo “tanto animo e tão fervoroso desejo da conversão desses naturais tão carentes de mestres, e operarios evangelico que nos causou muita compaixão entender a grande multidão dos indios gentis que se vão descobrindo e os poucos sacerdotes que lá têm para ensinar-lhes o caminho de sua salvação” (Morales, 2005, 46).

A vivência do contentamento pela ação evangelizadora é objeto de mais uma troca de missivas entre Cataldini e Aquaviva: o missionario enviou-lhe uma carta no mês de fevereiro de 1610 e o Padre Geral lhe respondeu em 1612 afirmando ter tido um “grande gosto” ao ler as noticias acerca “da graça que Nosso Senhor lhe faz em ter tanto contentamento naquelas partes: e, em verdade, tendo tão bom emprego como é o de grangear almas para o ceu e achando-se tão bem ocupado nessa missão com os Indios, não tem como maravilhar-se se a divina clemencia se mostra tão liberal e tenha certeza de que o será muito mais ao premiar os bons e proveitoso trabalhos de VR.” (Morales, 2005, 68).

Em 1614, Aquaviva volta a responder a duas cartas de Cataldini de agosto de 1611 e de outubro de 1612 que relatam todo o grande trabalho de sua missão “em prol da utilidade espiritual desses Indios” (Morales, 2005, 90) e se queixa dos poucos operarios de que se dispõe para tão copiosa messe. O Padre Geral expressa sua “consolação” e agradecimento à “divina bontade que quer servir-se dos filhos da Companhia para empresa tão Apostolica”; assegura também que, quanto antes, buscará enviar outros misisionarios e o exorta “a

proseguir cultivando com seus Companheiros essa nova vinha do Senhor” (Morales, 2005, 90). Mais uma carta será enviada logo após a morte de Aquaviva em 1605 pelo secretário da Curia Geral para Cataldini, agora em Cordoba, em resposta a carta de fevereiro de 1613.

A carta anua do Padre Provincial Pedro de Oñate, de 1616 documenta a riqueza da experiência de Cataldini e seus companheiros:

Estão nessas reduções Padre Joseph Cataldino, padre Simon Maçeta e padre Antonio Ruiz (Montoya) que todos os três trabalham e fazem por muitos, mesmo que estejam cheios de achaques e enfermos. A eles, além dos excessivos trabalhos, lhes falta a necessária ajuda que é tanta, que escrevendo padre Joseph a seus companheiros, lhes diz: “Aqui estou neste monte onde não tem nada, a não ser água e madeira.” Sendo necessário envia-lhes algo para o sustento, e assim me escreve uns dos outros que milagrosamente lhes dá Nosso Senhor forças e saúde. (Leonhardt, 1929, 97, tradução nossa)

Essas palavras evidenciam que os “padecimentos” imaginados e invocados na *indipeta* por Cataldini, tinham encontrado sua concretude nos territórios do Guairá, onde iniciara, em companhia de Mascetta e Montoya, a missão evangelizadora junto aos nativos. Naqueles territórios, ele tinha encontrado quanto evocado na carta: ali havia ampla “messe” a cuidar, embora sendo “poucos os operários”.

Oñate descreve as duas primeiras comunidades de guaranis reduzidos a que Cataldini e Mascetta tinham dado vida e o trabalho dos missionários que ali residem, informando que elas distam uma légua e meio uma da outra e que na redução de Nossa Senhora de Loreto moram setecentos índios casados e quatrocentos e cinquenta crianças em idade escolar e na redução de Santo Ignacio, oitocentos e cinquenta índios casados e quinhentos crianças. Narra também que Montoya construiu a igreja de Loreto e que Cataldini construiu a igreja de Santo Ignacio, algo que “atraiu” para os dois locais um número maior de índios a “causou contentamento aos índios” já reduzidos (Leonhardt, 1929, 97 e ss.).

Por fim, a vida exemplar de Giuseppe Cataldini é ressaltada num escrito de 1626, do Provincial o qual afirma ele ser “homem perfeito”, ter “edificado muito a fé entre os índios, que o amam e o respeitam”. Ressalta seu cuidado nas práticas da oração e da penitência. Julga-o “capaz de bom governo” e presença “muito essencial nas missões”³² (Storni, 1979, 15). Esse juízo é comprovado pelo despacho de Muzio Vitelleschi ao Provincial do Paraguai, Nicola Duran Mastrilli, de 1627, que nomeia Cataldini superintendente das Reduções.

Outros elementos acerca da biografia e do perfil de Giuseppe Cataldini podem ser encontrados nos Catálogos Trienais da Província de Paraguai. Em 1614³³, Josefo Cataldino (*sic*) é descrito, no Catálogo Primeiro, como membro do Colégio de Asunción, nascido em Fabriano de Camerino (Itália), de 43 anos de idade, tendo ingressado na Companhia no dia 1 de março de 1601, de “boas forças” e empenhado no ministério de pregação junto aos espanhóis. Informa-se também ele ter feito a profissão naquele mesmo ano de 1614. Já no Catálogo Segundo, Cataldini é descrito como dotado de “engenho, juízo, prudência e experiência das coisas, razoáveis”; de temperamento “colérico” e tendo bons talentos para os ministérios

³² ARSI, Hisp. 3/III, 849f

³³ ARSI, Paraq. I, 1610-1660, f. 2 n.4 e f. 2v.

da Companhia; "muito bom trabalhador junto aos índios e de muita confiança deles"; "bom religioso".

Giuseppe Cataldini faleceu aos 10 de junho de 1653 em San Ignacio (Storni, 1980, 61), após quinze dias de enfermidade, aos 80 anos de idade, no dia 10 de junho de 1653. No necrológio, a exemplaridade de sua vida é ressaltada pela narrativa de que no dia do falecimento "muitos o viram, em lugares muito diferentes, rodeado com raios de glória" (Leonhardt, 1927, 48)³⁴. O "tempo" que Cataldini desejava dedicar ao serviço de Deus nas missões da Companhia, conforme escrevera em sua *indipeta*, foi todo empregado para colocar os primeiros alicerces de uma história que seria dentre as mais significativas da epopeia evangelizadora dos jesuítas no mundo.

"O crescer do desejo que não deixa quieto"

O jovem noviço Adriano Formoso foi um insistente escritor de *indipetae*, enviadas periodicamente ao então Padre Geral da Companhia, Muzio Vitelleschi (1563-1645).

Adriano nasceu em San Cesario di Lecce aos 17 de outubro de 1601, filho de Matteo Formoso e Aurelia Calò, muito provavelmente parente de padre Lupo Formoso, arcepreste de San Cesario em 1579, e de padre Giovanni Francesco Formoso, sacerdote daquele diocese em 1591. Aos 14 de agosto de 1619, Adriano entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Nápoles, depois de ter freqüentado o colégio jesuíta de Lecce. Completou seus estudos humanísticos em Nápoles, L'Aquila e Catanzaro³⁵. Nesses colégios, Adriano começou a escrita das *indipetae*.

A primeira, enviada o dia 17 de setembro de 1620 foi redigida do noviciado de Napoli³⁶. O jovem revelava logo no início que seu desejo missionário remontava a um tempo anterior à entrada na Companhia ("gostaria de ter escrito a Vossa Paternidade há algum tempo"), mas que a decisão que o moveu na escrita da *indipeta* era ligada à intensidade crescente desse mesmo desejo: "como que não podia mais resistir ao que me estimulava interiormente, resolvi, portanto, com o consentimento de meu Pai Espiritual, escrever a Vossa Paternidade"³⁷. Para Formoso, o desejo missionário foi um dos motores que o levou a entrar na Companhia de Jesus:

Muitos anos antes de eu ter a vocação de entrar na Companhia, já tinha um grande desejo de converter almas e especialmente de ir à Índia para derramar meu sangue pela fé de Cristo, e este desejo sempre foi crescendo em mim, fomentando-o tanto quanto eu podia com minhas frias orações.

³⁴ vide também: Techo (1897).

³⁵ Acerca deste missionário veja-se a narrativa histórica recentemente escrita por Guida (2015).

³⁶ ARSI, FG, 736, N. 184.,

³⁷ O "desejo anterior" é topos recorrente nas *indipetae*: o candidato refere que um desejo missionário já presente o levava a entrar na Companhia". Trata-se de uma importante inversão: se a entrada na Companhia era geralmente a primeira vocação e o chamado para as missões uma segunda vocação, reverter as duas cronologicamente significava apontar ao padre geral que enviá-lo para as missões seria quase um ato devido, porque era o que tinha motivado a decisão de se tornar um jesuíta. (Colombo & Massimi, 2014).

O autor justifica a demora quanto à manifestação do desejo por reconhecer-se indigno de ser enviado em missão: "Eu não escrevi sobre isso antes porque, como disse, pensei que para ir à Índia seria preciso um espírito diferente do meu". Tal receio foi superado pelo seu caminho de formação, que fortaleceu nele a convicção de que Deus "me dará um espírito para que não apenas a Índia, mas o mundo inteiro possa ser convertido". Tal convicção se baseia na consideração de tantas testemunhas: "temos o exemplo de muitos e em particular o fato de que Cristo usou doze homens descalços para converter o mundo". Portanto, Adriano pede ao Padre Geral para ser inscrito "em seu livro entre o número daqueles que têm este santo desejo". Revela-lhe também uma vivência interior recente: "gostaria de acrescentar que há alguns dias atrás, senti-me arder de desejo e atribuo isto a nada mais do que a divina providência, que talvez tenha previsto algo para a maior saúde de minha alma".

Passaram-se dois anos e Adriano volta a escrever uma nova indipeta no dia 6 de outubro de 1622³⁸. Dessa vez se encontra no colégio de L'Aquila, onde já leciona como docente e "está contente". O teor da carta é quase que uma devota 'ameaça': "insisto a esta hora, pois procuro esta graça de Vossa Paternidade, para que possa dar-me uma boa esperança, pois, caso contrário, nunca ficarei quieto." ["insisto a quest'ora (...) però cerco questa grazia dalla P.V. che si compiaccia ad assicurarmi di questa con darmi buona speranza, perché altrimenti mai staró quieto".]

Não tendo recebido resposta, Adriano "não ficou quieto" e dois anos mais tarde, aos 8 de maio de 1622, escreve novamente, dessa vez do Colégio de Catanzaro³⁹. Naqueles anos, o desejo das Índias foi estimulado pelo testemunho dos vinte e seis martires do Japão, crucificados em 1597 em Nagasaki, fato documentado no livro escrito por um jesuíta contemporâneo, Luis Frois, *Relacion del martirio de los 26 cristianos crucificados em Nagasaki el Febrero de 1597*. Desse modo, Adriano escreve: "movido pelo exemplo destes nossos pais e irmãos martirizados no Japão, venho novamente implorar ao Vossa Paternidade que me console para me enviar a essas partes, já que este meu desejo é antigo; e o tive um tempo antes de entrar na Companhia, já que na primeira vez que lhe escrevi sobre isto me lembro de tê-lo mencionado". Em nome desse "desejo antigo" avisa que, no futuro, "jamais deixarei de bater a porta até ser consolado pela Vossa Paternidade". Traça também os elementos de sua condição atual: "Já quase terminei de ministrar as aulas, já tenho 23 anos de idade, sou robusto e vigoroso". Desse modo, acredita ter suficiente força física para "poder resistir à viagem e às dificuldades".

A seguir, se refere ao fato que as "índias" não seriam necessariamente geográficas, mas também poderiam contemplar locais mais próximos que demandam a presença dos missionário, como o lazareto: "e se não lhe parece adequado enviar-me a tais lugares remotos, ofereço-me para ir a Palermo para servir as vítimas da peste, já que não me faltam companheiros; tenho dito muitas vezes ao reitor que, se eu fosse enviado para lá, eu teria prazer em ir".⁴⁰

³⁸ ARSI, FG 736, n. 367.

³⁹ ARSI, FG 737. n. 178, (307).

⁴⁰ O ministério da cura dos apestados era uma das expressões do carisma jesuíta, indicado explicitamente pelo fundador, desde os inícios da Companhia e testemunhado pelos santos da Companhia, dentre eles o jovem Luis Gonzaga (1568-1591), noviço do Colegio Romano e falecido por contagio durante uma epidemia de peste em Roma em 1590. Esse mesmo ministério, Formoso praticará na Província do Paraguay: ali também os jesuítas

Todavia, a espera de Adriano Formoso na Itália ainda devia durar um tempo, ao longo do qual o seu desejo missionário não esmoreceria.

No dia 25 de abril de 1625, em *indipeta* enviada de Catanzaro, Formoso escreve: "venho novamente com esta carta lembrar a Vossa Paternidade o grande desejo que tenho de ir às Índias, e em particular àquelas partes do Japão"⁴¹.

Aos 7 de dezembro de 1626⁴² Formoso está em Nápoles, de onde escreve, mais uma vez: "Tendo ouvido há alguns dias que o Padre Procurador do Japão já foi a Roma para lembrar ao Nosso Padre Geral o grande desejo de que eu, desde que sou noviço, sempre tive que ir a essas partes para trabalhar e derramar, se isso agradar a Deus Nosso Senhor, o sangue por Cristo, que sempre encorajei o máximo que pude com minhas frias orações". Dessa vez, visando dispor de melhores condições para ser enviado, Adriano propõe uma mudança em seu itinerário de formação na Companhia: "já que sei que não ter terminado meus estudos pode ser um impedimento para mim, renuncio aos estudos" e "me ofereço para ir e servir como coadjutor".

Todavia, essa proposta ainda não foi suficiente para obter a aprovação do Padre Geral, de modo que, no dia 12 de fevereiro de 1627⁴³, Adriano Formoso voltava a escrever de Nápoles:

Se eu soubesse que escrevendo frequentemente a Vossa Paternidade, teria a certeza de obter o que tanto desejava, ou seja, ser enviado para as Índias, e em particular para o Japão, o senhor tenha certeza de que não deixaria passar um dia que eu não lhe escrevesse. Mas sei que às vezes é suficiente lembrar-lhe o desejo que tenho. Agora, como faz algum tempo que não lhe escrevo, venho novamente implorar-lhe em *visceribus J. Cristi* que queira me consolar com sua benevolência, tanto mais que me encontrarei tendo terminado o segundo ano de Teologia, e estou saudável e vigoroso em forças.

Ainda naquele ano de 1627, no dia 9 de julho⁴⁴, Adriano envia outra carta de Nápoles:

Espero que, se não for por meus méritos, pelo menos será por causa de minha perseverança: que eu seja consolado por Vossa Paternidade. Escrevi várias vezes, pedindo que eu fosse enviado às Índias, e sempre me responderam que naquela ocasião meu pedido não seria esquecido. Agora, já que tantas ocasiões estão sendo propostas, para o Paraguai e a Etiópia, peço ao Vossa Paternidade que faça uso de minha pessoa, desde que eu seja capaz, seja para uma ou para outra, uma vez que eu

cuidavam dos indígenas adoentados, e visitavam as casas dos enfermos, "para levar os consolos espirituais (...), procurando que não lhes faltasse o alimento conveniente ao seu estado" e para "administrar as medicinas possíveis e, às vezes, também atuavam como médicos e enfermeiros". (Fleck, 2013, 37). Na carta anual de 1626, o pe. Provincial Nicolas Mastrillo Duran reforçava o envolvimento dos missionários em atividades "que consistem, não somente em cuidar das almas dos índios senão também (e não com pouco trabalho) de seus corpos e de tudo o que pertence a *la industria, trato y policia humana*". (Fleck, 2013, 40). Os missionários em algumas circunstâncias eram contagiados e morriam das mesmas doenças dos índios.

⁴¹ ARSI, FG 737, n. 263 (358).

⁴² ARSI, FG 737, 401 (442).

⁴³ ARSI, FG 738, n. 16 (004).

⁴⁴ ARSI, FG 738, n. 98 (19).

já terminei dois anos de Teologia; e se isto for de algum impedimento para mim, proponho que eu seja enviado como coadjutor, não me importando com mais nada além de servir a Deus, tentando converter almas para Ele.

Depois de ter escrito sete *indipetae*, Adriano foi finalmente escolhido, naquele ano de 1627, para trabalhar entre os índios da América do Sul, na Província do Paraguai, e foi enviado junto com a expedição liderada por Padre Gaspar Sobrino. Guida (2014; 2015) reconstruiu o itinerário de Formoso: a longa viagem para chegar ao destino é relatada com detalhes pelo próprio P. Adriano Formoso numa carta manuscrita datada de 3 de fevereiro de 1628, endereçada ao Reitor do Colégio de Noviços de Nápoles. Ele descreve escalas em Gênova, onde adoeceu e correu o risco de retornar a Nápoles, Marselha, Barcelona e Lisboa, onde foi ordenado sacerdote e celebrou sua primeira missa no navio que navegava para a América do Sul. Finalmente, chegou ao Brasil, provavelmente no porto do Rio de Janeiro ou Santos, e seguiu com 45 irmãos para Buenos Aires, onde desembarcou em 29 de abril de 1628.

Formoso permaneceu no Colégio de Buenos Aires até 11 de maio de 1628 e depois seguiu para Asunción, onde o provincial o destinou à Redução Guarani de Santa Maria Maior de Iguazu, na confluência dos rios Iguazu e Paraná. O surto de peste na área afetou quinhentos índios, dezenove dos quais foram enterrados pelo Padre Adriano. Desse modo, chegara a realizar o seu desejo de “servir as vítimas da peste”, que vimos expresso na carta *indipeta* de maio de 1622.

Após uma estadia de acerca nove meses na Redução de la Asunción del Alcaraguà, localizada no lado direito do rio Uruguai, no atual estado brasileiro do Paraná, em 1632 Adriano Formoso foi encarregado pelo Padre Provincial de constituir uma nova Redução, na nascente do rio Ibicuí Mirin: chamar-se-á a missão de San Cosme y Damián, (1634), atualmente localizada no atual território do Paraguai, mas originariamente situada no território do Rio Grande do Sul. Esse território era densamente povoado por índios guaranis e foi a partir do contato com eles que Formoso criou a nova Redução. A Carta Anua do Provincial padre Pedro Romero, de maio de 1634 (Maeder, 1990), informa que, desde 1633, Adriano Formoso juntara indígenas para organizar a nova comunidade, que foi fundada aos 24 de janeiro de 1634. A Redução de São Cosme e São Damião ao tempo da fundação era constituída por mil e duzentos famílias, mas em 1637, chegou a ter cerca de dois mil e duzentos famílias (Maeder, 1984).

Nessa comunidade, a vida de Adriano Formoso não foi fácil: precisou usar de todas as forças físicas e as capacidades de trabalho manual que descrevera em suas *indipetae*, muito mais do que os talentos intelectuais para o ensino de que também dispunha. Encontram-se informações sobre a fundação e vida cotidiana do povoado de Cosme e Damião na obra de padre Antônio Ruiz de Montoya, a “Conquista Espiritual” (1997, 246). Ele narra que os missionários chegaram a reunir uma população de cinco mil indígenas: “a indústria zelosa dos Padres juntou aqui de várias serras e bosques acerca de cinco mil almas”. O esforço de reunir os indígenas muitas vezes se via prejudicado pelas contingências da natureza e por hábitos de sobrevivência já enraizados naqueles grupos de guaranis, os quais viviam de caça e pesca, deslocando-se continuamente para buscar o sustento e retornando frequentemente à vida na floresta. Esse retorno era incentivado pelos pajés, contrários ao processo de conversão e evangelização. Sobre a situação, Montoya comenta que: “a muitos venceu (...) a contínua oposição, feita pelos magos ao Evangelho, persuadindo-os que voltassem a seus antigos lugares”

(Ruiz de Montoya, 1997, 246). Apesar dessas dificuldades e fracassos, Adriano ajudado por um número restrito de jovens nativos, passou a lavrar a terra, a fim de alimentar as mulheres e as crianças da Redução. Todavia, a produção não era suficiente para evitar a fome. Afim de resolver o impasse que ameaçava a sobrevivência dessa e das demais Reduções, o provincial Pedro Romero ordenou em 1634, que Padre Cristóvão de Mendoza introduzisse para a margem oriental do Rio Uruguai mil e quinhentos cabeças de gado, que foram distribuídas numa média de cem por cada Redução. Com a introdução do gado, os índios reduzidos de São Cosme e Damião conheceram o arado puxado por bois e Padre Adriano ensinou-os a utilizarem essa técnica de cultivo, nova para eles. A medida que sob a direção de Formoso e os índios reduzidos foram aprendendo o uso dessa técnica, as lavouras prosperaram com colheitas abundantes. Segundo Techo, o êxito da colheita atraiu as populações guaranis das redondezas, as quais passaram a se fixar em São Cosme e Damião (Techo, 1897).

Todavia, quando a vida cotidiana da redução começava a se organizar, aconteceu o que Montoya denominara de “uma peste rigorosa”, talvez uma forma de varíola. Novamente, Formoso passou a cuidar dos índios “no corpo e na alma” (Ruiz de Montoya, 1997, 84). Os dois oragos a que a redução tinha sido dedicada, São Cosme e Damião (San Cosme e San Damián) eram ligados à cura das doenças: irmãos gêmeos cujos nomes significam adornados e sonhadores, eram médicos e taumaturgos famosos da igreja primitiva, tendo praticado a medicina gratuitamente na cidade de Egeia de Cilícia. Foram martirizados por ordem dos imperadores Maximiano e Diocleciano.

Para além de se dedicar à cura dos contagiados, Formoso precisou continuar o trabalho de cultivo “para que a terra desamparada de seus lavradores, por causa da enfermidade geral, não ficasse ociosa e para que houvesse sementes de plantio, bem como sustento aos necessitados”. Os produtos das plantações serviam “para o sustento aos doentes e atraíram aos que se tinham recolhido aos matos e aos montes” (Ruiz de Montoya, 1997, 246).

Entre 1634 e 1637, Formoso contava com seicentos índios batizados na redução, mas após terem superado a fome e a peste, eles viram chegar mais uma provação: as incursões dos Bandeirantes Paulistas, saqueadores, invasores e caçadores de escravos, os quais avançaram na direção das Reduções do Tape, a partir de 1635. Desse modo, teve início o embate entre o avanço dos bandeirantes e o projeto político reducional, num processo de destruição, pilhagem e rastro de sangue, que resultou na escravização de aproximadamente trinta mil indígenas reduzidos. A primeira redução atacada foi Jesus Maria, na margem direita do Rio Pardo.

Tais acontecimentos evidenciavam que as incursões dos bandeirantes representavam serias ameaças para os indígenas reduzidos que viviam no território da atual Santa Maria no Rio Grande do Sul. As possibilidades de sobrevivência, no meio aos conflitos e as crises, dependiam de um processo de transmigração. Nas Cartas Anuas da Província do Paraguai (1637-1639), o Provincial Francisco Lupércio de Zurbano relata que os índios da Redução de São Cosme e São Damião do Tape trasladaram-se para a margem ocidental do Rio Paraná, entre o Rio Aguapeí e Candelária. O documento afirmava acerca de São Cosme e Damião que “era esta reducción la más expuesta a las invasiones de los lusitanos, por lo cual era evidente que tenía que trasladarse” (Maeder, 1984, 87). O processo de transmigração durou mais de dois meses e a empreitada não foi fácil, porque os indígenas não desejavam abandonar o local. Por fim, os índios e os padres das demais reduções, liderados por Padre Montoya, foram forçados a se deslocarem a pé, cruzando florestas e rios em etapas forçadas, até

atravessarem o grande rio Uruguai em um êxodo que lembrava o episódio bíblico. Após a longa andança, se estabelecerem em uma área onde hoje se encontra a cidade argentina de Posadas. Finalmente, aos 22 de agosto de 1638, Padre Formoso encontrava-se na redução de Loreto novamente fundada (atual Misiones, Argentina) (Quevedo, 2000).

A avançada violenta dos bandeirantes tornava-se nociva à proposta dos jesuítas e as populações guaranis começaram a questionar a suposta segurança oferecida pelas Reduções, obrigando os padres a reavaliarem o projeto. Como vimos, uma das medidas foi de solicitar ao monarca espanhol a aquisição de armas de fogo para organizar um exército de índios reduzidos, a fim de expulsar os bandeirantes dos territórios. A medida foi autorizada pelo soberano e, em 1641, as milícias indígenas reagiram eficazmente contra os bandeirantes e gradativamente, os índios reduzidos, dentre eles os guaranis de São Cosme e São Damião, obrigaram os inimigos a recuarem. A vitória decisiva do exército Guarani, ocorreu na Batalha de M'Bororé. Padre Formoso, juntamente aos jesuítas da Província Paraguay, foi certamente mobilizado. Quando a épica batalha aconteceu, ele morava na Redução da Candelária. Depois, passou a servir na Redução de Encarnación de Itapúa, onde morreu em 24 de março de 1649. (Storni, 1980, 104. Quevedo, 2000).

Traços da biografia e da personalidade de Adriano Formoso aparecem também nos catálogos trienais da Província do Paraguai. (Paraqu.4-I), a partir de 1631. No Catálogo Primeiro ⁴⁵ dele se diz que, originario de Leche (Lecce) tem boas forças, cursou três anos de artes e quatro de teologia, e se indica ter talento para o ensino de latim e para o ministerio entre os indios. Já o catálogo segundo⁴⁶ atribui-lhe bons juizo e entendimento, mas mediocres prudência e experiencia das coisas; bom desempenho no estudo, temperamento colerico e talento para o ministerio junto aos indios. No Catálogo primeiro de 1637⁴⁷, confirma-se a aptidão de Formoso nos ministérios de evangelização dos indios e de ensinamento do latim. No Catálogo primeiro de 1644⁴⁸, novamente confirma-se as atividades de Formoso de “leitor de latim e obrero junto aos indios”. O mesmo ocorre no Catálogo primeiro de 1647 ⁴⁹.

A vida missionária de Adriano Formoso no Paraguai foi intensa. Apesar de seu grande talento para o ensinamento do latim ressaltado nos Catálogos, dedicou-se principalmente à convivência com os guaranis e a edificação do projeto reducional. Desse modo, aquele intenso desejo de servir a Deus que o jesuíta salentino tinha insistentemente manifestado nas suas *indipetae*, encontrou a definitiva consolação através das dramáticas e exigentes circunstâncias que caracterizaram o primeiro período de fundação das Reduções e das quais ele foi um dos protagonistas.

“Ao Paraíso das delícias na Terra”

⁴⁵ ARSI, Paraq. 4-I, f. 118, n. 10.

⁴⁶ ARSI, Paraq. 4-I, f. 126, n. 10.

⁴⁷ ARSI, Paraq. 4-I, f. 134, n. 9.

⁴⁸ ARSI, Paraq. 4-I, f.144, n. 8.

⁴⁹ ARSI, Paraq. 4-I, f.154, n. 2.

“Um pobrezinho, que muito e há muito tempo deseja a consolação de ser enviado ao Paraíso das delícias na Terra”: assim Pietro Comentali define a si mesmo numa de suas *indipetae*⁵⁰. Pietro filho di Giovanni Carlo Comentali e Ursula Vespona, nasceu em Nápoles em 19 de julho de 1595. Entrou na Companhia de Jesus aos 10 de março de 1611. No Colégio de Nápoles, aos 5 de fevereiro de 1616⁵¹, Pietro redige uma *indipeta* destinada ao Padre Geral Muzio Vitelleschi que não parece ser a primeira pois, no exórdio, afirma que já escrevera para o Padre Geral Claudio Aquaviva (1543-1615) recém falecido e antecessor de Vitelleschi, “sobre um desejo que o Senhor me tinha dado de passar minha vida para ajudar as almas na Índia”. Afirma que realiza-lo seria “único consolo do meu coração”, sendo a ele evidente que “com particular inspiração o Senhor me chama lá, e me mostra que é o único meio para a minha salvação”.⁵² A intensidade do desejo missionário de Comentali se manifestará também na frequência com a qual passará a enviar outras *indipetae*, numa sequência ininterrupta de cartas com tons cada vez mais enfáticos.

Uma nova missiva será expedida do Colégio de Nápoles no dia 19 de fevereiro daquele mesmo ano⁵³. Nela, Pietro apela não apenas à memória do Padre Geral, mas também à faculdade que ele tem de poder-lo “consolar” satisfazendo seu desejo missionário que confessa ser cada vez mais intenso. O realizar-se do desejo é associado à saúde da alma: “Portanto, não duvide de modo algum que, se Vossa Paternidade me enviará, quanto mais cedo me enviar, mais cedo me obterá a saúde de minha alma”. O ímpeto de empregar bem o tempo parece inspirar Comentali, sendo que a referência ao tempo voltará também na suas sucessivas *indipetae*. Quanto ao lugar de destino, Comentali não manifesta preferências, mas apenas diz que gostaria de “estar onde possa agarrar-me mais firmemente à Sua Santíssima Cruz, e tão firmemente enviar meu último suspiro (meu maior deleite)”. A carta termina mais uma vez com uma *peroratio*: “Vossa Paternidade tenha piedade de um homem pobre, que muito e há muito tempo deseja” [“*Vostra Paternità venghi compassione d’un poveretto, che grande, et lungamente desidera*”].

O desejo é tão intenso que Comentali sente a exigência de redigir outra carta logo em seguida: volta a escrever no dia 25 daquele mesmo mês de fevereiro de 1616.⁵⁴ Afirma estar “com grande expectativa de boas notícias”, mas que “escrever novamente à Vossa Paternidade” serve “para não dissipar de alguma forma o ardor que nosso Senhor acende em meu coração”. E ao reiterar a disponibilidade para ser destinado a qualquer lugar de missão, cogita que “se por enquanto estou impedido de terminar meus estudos, eu poderia terminá-los lá, como muitos outros fazem”. Afirma também que “se eu não puder ser útil em outras coisas, gostaria de passar minha vida ensinando às crianças indianas as coisas necessárias”. Novamente expressa o sentimento da urgência quanto ao transcorrer do tempo: “Vossa Paternidade não tenha escrúpulos em conceder-me esta graça, antes hoje do que amanhã!”

⁵⁰ A respeito das *Indipetae* de Pietro Comentali veja-se também Page, 2023, 22-23.

⁵¹ ARSI, FG 735, 347.

⁵² ARSI, FG 735, 347 (1543-1615).

⁵³ ARSI, FG 735, 365.

⁵⁴ ARSI, FG 735, 374.

Todavia, pouco tempo se passa e no dia 4 de março de 1616, Pietro, ainda em Nápoles, volta a enviar mais uma *indipeta* para Muzio Vitelleschi⁵⁵. Justifica a insistência afirmando que “este é o maior empenho que posso ter nesta vida”. Implora: “pelo amor de Jesus, que me console nesta única coisa (isto é, que me envie às Índias, como já escrevi várias vezes), que é a primeira coisa que pedi”. Busca expressões para demonstrar a intensidade de seu desejo das índias: “eu gostaria que pudesse enviar-lhe meu coração aqui dentro, para que ele possa mostrar-lhe em presença como é grande o meu desejo”. Enfim, volta a cobrar e quase a advertir o ilustre destinatário declarando que, caso não o envie, “Vossa Paternidade deverá ter escrúpulos em não ter cumpridas as Inspirações Divinas, pois temo que minha predestinação dependa do cumprimento disto”. E mais uma vez, pede que Vitelleschi responda com urgência ao seu pedido “antes hoje do que amanhã”.

Passa-se um mês e Pietro permanece em Nápoles: no dia 8 de abril de 1616, envia outra carta a Vitelleschi⁵⁶. Dessa vez, porém, ele possui argumentos mais concretos para justificar o pedido: se trata de indicar um preciso local de destino: “agora é o tempo em que Vossa Paternidade poderá cumprir meu longo desejo: ou seja, com esta missão do Paraguai”. Os motivos que justificariam que o pedido seja finalmente satisfeito são listados na carta: em primeiro lugar: “porque lhe escrevi várias vezes”, em segundo lugar, “porque fui um dos primeiros a pedir a Vossa Paternidade que me enviasse às Índias, se (como creio) minhas falhas não o impedirem”; em terceiro lugar, levando em conta a existência dessas falhas, a sugestão de que “Vossa Paternidade poderia me enviar em penitência daquelas”.

Poucos dias depois, ainda em Nápoles, aos 15 de abril de 1616, mais uma *indipeta* de Comentali é despachada para Vitelleschi⁵⁷. A ênfase é novamente acerca do valor do tempo. Desta vez, Comentali se refere a algumas respostas que teria recebido pelo Padre Geral na ocasião do envio das cartas precedentes: “agora é o momento que Vossa Paternidade pode se lembrar de mim, como já me respondeu tantas vezes assegurando-me que quer fazê-lo”. “Esta é a ocasião para cumprir meu longo e grande desejo pela Índia”. E termina com uma imploração: “Meu Pai, Vossa Paternidade, pelo amor de Deus, me console, pois já que não quero nenhum outro consolo, nem desejo outro nesta vida (como o Senhor me dá a entender)”.

No dia 29 de abril de 1616, outra missiva⁵⁸ é enviada do Colégio de Nápoles. Dessa vez, finalmente, trata-se não mais de um pedido e sim de um agradecimento:

O Senhor Jesus cumpra os desejos santos de Vossa Paternidade, como Vossa Paternidade o fez com os meus; com o maior consolo de minha alma (que não posso expressar o quão extraordinário seja). Não tema, Vossa Paternidade, de que eu me esqueça deste favor e deste presente tão marcante; isto é, de eu ter sido feito, além de todo meu mérito, um dos arautos da grandeza de Deus para os paraguaios, através de Vossa Paternidade.

Pietro Comentali declara ter grande consolação ao ser enviado “ao Paraíso das delícias na Terra (porque assim eu considero o Paraguai)”. Promete corresponder à consolação

⁵⁵ ARSI, FG 735, 389.

⁵⁶ ARSI, FG 735, 427

⁵⁷ ARSI, FG 735, 433

⁵⁸ ARSI, FG 735, 447

recebida proporcionando ao Padre Geral a consolação de vê-lo oferecer a Deus as imaginadas “fadigas das viagens e das conversões daqueles pobres”. Por fim, lhe assegura que os familiares não farão oposição ao seu envio em missão, preocupação esta que em muitas ocasiões constituía também um impedimento para a decisão dos superiores quanto às vocações missionárias: “de meus parentes, Vossa Paternidade não se importará de forma alguma”.⁵⁹

À longa série de *indipetae* de Pietro Comentali seguiu enfim a longa viagem rumo à América Latina. O trajeto por mar rumo à América Latina demorou vários meses. Pietro chegou a Buenos Aires aos 15 de fevereiro de 1617, com o grupo de padre Juan de Viana. O Catálogo da Província de 1616 já dá notícia de seu envio, juntamente com oito napoletanos⁶⁰. A informação da chegada consta carta de 1619 enviada pelo Padre Geral Muzio Vitelleschi ao Padre Provincial Pedro de Oñate, onde o primeiro se refere à herança recebida por Comentali na ocasião da morte do pai:

Junto ao padre Juan de Viana foi a essa Província, da Nápoles, o padre Comentali: seria necessário que ele nos mande disposições acerca da herança que recebeu após a morte do pai. Duas coisas ele deve fazer, uma é enviar uma procura autentica a quem ele quiser para poder pedir, cobrar, comparecer em juízo, numa palavra para tudo o que for necessário por parte dele no que diz respeito a dita herança; outra coisa é que também envie um atestado autentico de sua existência. Avise-o que ambas as coisas são necessárias, sendo que faltando uma delas, haverá impedimento para receber a herança. Eu aviso Vossa Paternidade disto para que sabendo o que se passa com o dito Padre, ele saiba tudo isto e envie o que é pedido com segurança (Morales, 2005, trad. nossa).

A questão é retomada em carta que em 1621, Vitelleschi envia diretamente a Comentali ainda residente em Córdoba: sabemos assim que, uma vez chegado na Província do Paraguai, ele finalizou os estudos junto a esse Colégio, onde em 1619, foi ordenado sacerdote. Na carta, Vitelleschi informa Comentali que a herança paterna não era muito grande, de modo que foi necessário usa-la toda para o sustento da mãe. Na carta, há também um comentário escrito pelo secretário Padre Francesco Sacchini (1570-1625) que diz “me alegro que os italianos sejam aceitos e façam fruto. Espero no Senhor que eles com suas modestia e observância se portem sempre de modo a ter tanto proveito nas terras de missão quanto o teriam em casa” (Morales, 2005, 226). A escassez da herança recebida é citada também em outra carta de Vitelleschi de 1623, em resposta a de Comentali de 14 janeiro de 1622: o Padre Geral agradece o envio da documentação requerida bem como a declaração de renúncia da herança em prol da Companhia; mas avisa que não houve o que cobrar pois o valor inteiro da herança precisou ser empregado para o sustento da mãe. De todo modo, Vitelleschi agradece “a boa vontade e o desejo de ajudar a Companhia com o que pensava ter herdado” (Morales, 2005, 278).

Em 1626 o provincial se referia a Pietro Comentali como: “muito observante. Demonstra capacidade de governo na redução onde vive. Os índios e os nossos o estimam. É bom missionário”. Aos 3 de outubro de 1628, fez profissão solene na redução de San Ignacio Guazú, onde permaneceu algum tempo abrindo uma escola de música, conforme a

⁵⁹ A respeito da importância das questões familiares na escrita das *indipetae*, vide Colombo e Massimi.2014..

⁶⁰ ARSI, Paraq. 4-I, folha 2.

narrativa da *Carta Anua del provincial Nicolás Mastrilli relatando el viaje del procurador Gaspar Sobrino de 1628*. (Page, 2007, 60). Na carta, o padre provincial escreve que tendo o objetivo de “tornar a recepção do Padre Procurador mais solene possível”, antes da saída da redução de San Ignacio do Paraná, sob a direção de Padre Comentali, houve “a música e o coral de pequenos índios, cantores habilidosos e excelentes músicos que com instrumentos de arcos e outros instrumentos musicais, tocaram e cantaram em nossa igreja em ação de graças um solene *Te Deum Laudamus*”. Não somente, mas antes, na residência dos missionários, os pequenos cantores “fizeram nos primeiros dias vários regozijos e outras invenções com grande destreza e graça”, de modo que contribuíram “para recriar os convidados do tédio de uma navegação tão cansativa”. O provincial comenta que nesses fatos era visível o fruto “dos trabalhos apostólicos dos que se dedicam a este glorioso empreendimento”. Com efeito, os missionários tinham educado aquelas crianças “na habilidade e na indústria em todos os tipos de exercícios policiais e liberais, nos quais eles excediam muitos dos povos cultivados da Europa”⁶¹.

Um ano antes, em 1627 nessa mesma redução, Pietro Comentali tinha recebido uma carta do Padre Geral Muzio Vitelleschi, anunciando a visita próxima do Padre Gaspar Sobrinho e respondendo a uma por ele enviada aos 15 de novembro de 1625. Naquela carta, Comentali lhe noticiava “dessa nova cristianidade e do grande fruto que se faz junto aos jovens que se vão criando”. Vitelleschi respondeu: “o Senhor seja bendito mil vez pelo fato que por meio dos filhos da Companhia realiza coisas tão maravilhosas”. Observa que o missionário “tem razão de estar tão contente, como me escreve, pela boa sorte que lhe coube”. E em poucas palavras Vitelleschi assim sintetiza a história de Comentali: “Nosso Senhor lhe fez a graça de escolhe-Lo para emprega-lo por esse tão importante serviço dEle e pelo bem desses pobres nativos”. Reitera confiar que o missionário sempre será capaz de “corresponder à essa tão alta vocação e se mostrará em tudo um verdadeiro filho da Companhia”. E por fim, retoma o tema do desejo, tantas vezes reafirmado nas *indipetae*: “prezo muito o desejo que você tem de perserverar até à morte nos ministerios junto aos índios” (Morales, 2005, 347, trad. nossa).

Em 1634, Vitelleschi volta a escrever carta a Pietro Comentali, que se encontra em Cordoba, em resposta a quatro missivas por ele enviadas em março de 1632: afirma ter lido as cartas com “muita atenção”, pois parecem expressar preocupações e advertências acerca do “bom governo das Reduções”. Vitelleschi informa que em resposta buscará enviar os “remédios” por meio do padre Procurador Antônio Ruiz de Montoya. Confessa seu coração estar apertado “pelas travessias padecidas por essa nova cristandade por causa dos inimigos” (Morales, 2005, 488), possivelmente se referindo aos ataques dos bandeirantes; e também “pelas calamidades que [Padre Comentali] experimentou nas mudanças de um lugar para outro”, no exodo forçado pelas incursões dos paulistas. Por fim, Vitelleschi tranquiliza Comentali quanto à situação de sua mãe: “não fique preocupado pelas necessidades de sua

⁶¹ Desse modo, sabemos que na redução de Santo Ignacio, Comentali criara uma escola de música para crianças. Comentali foi um dos quatro músicos jesuítas europeus que trabalharam nas reduções, nas primeiras décadas, juntamente com Claude Royer (1582–1648) de Francia, Jean Vaisseau (1583–1623) de Tournai, y Louis Berger (1587–1639) de Bélgica. Com efeito, o Superior da Província tinha solicitado para as missões, a designação de maestros de música, reconhecida como grande instrumento para a evangelização dos nativos.

mãe pois eu cuido de remedia-las” e, portanto, “não é preciso de sua vinda, pois ali Vossa Reveência está bem empregado” (Morales, 2005, 488).

Em 1639, outra carta de Vitelleschi responde à de agosto del 1637, onde Comentali queixou-se a respeito do “tratamento dos índios convertidos” (Morales, 2005, 571). O Padre Geral afirma ter tomado providências para remediar o problema. Com efeito, no ano de 1637, várias reduções subiram graves ataques dos bandeirantes liderados por Antonio Raposo Tavares: os jesuitas solicitaram o Padre Geral para que intercedesse junto ao Papa para a emissão de um decreto de excomunhão para Raposo Tavares e para todos os funcionários da Coroa no Brasil que o apoiavam. Escreveram também o Rei de Portugal para que tomasse providências a respeito, na Colônia. Na carta, Vitelleschi declara “ser muito consolado ao saber que o padre vive com tanto gosto a presença nessa Província e nas Missões” e o convida a usar bem os livros e os instrumentos de matematica, que lhe enviou.

Encontramos informações acerca da biografia e personalidade de Comentali nos catálogos trienais. No catalogo segundo de 1618, Comentali é descrito como tendo mediocre engenho, boa prudencia e juizo, constituição fleumatica e com aptidão para ensino das letras⁶². No catalogo de 1623, todas as suas qualidades intelectuais são indicadas como boas, é rotulado como fleumatico-melancolico e com aptidões para o ministerio junto aos índios⁶³. No catálogo de 1626, de Comentali se diz que tem boas forças; que é leitor do seminário e tem talento para o ministerio junto aos índios, demonstra bom juízo e entendimento, mas mediocre prudencia, sua complexão é rotulada como colérico-melancolica.⁶⁴

Nos catalogos de 1629, é descrito como tendo “boas forças”, “bons engenho, juizo e prudencia”, sua compleição é dita “temperada” e, mais uma vez é julgado como “muito apto ao ministerio junto aos índios”⁶⁵. Todavia, chama a atenção o registro de “mediocres formação humanista e experiência das coisas”. O rotulo de formação em humanidades “mediocre” será confirmado na carta do Padre Geral Muzio Vitelleschi, enviada para Nicolas Vasques Trujillo, em 1630, após a visita do Procurador Gaspar Sobrino, onde se repreende o Provincial Nicolas Durán Mastrilli porque apressara de modo indevido o processo de formação de alguns jesuitas a fim de permitir sua profissão definitiva, dentre eles, Pietro Comentali. (Morales, 2005, 420). De fato, na visita do Procurador Gaspar Sobrino, Vitelleschi fora alertado que o provincial Nicolas Durán Mastrilli teria indevidamente ministrado a profissão com os quatro votos a alguns jesuitas, num periodo em que a formação deles era ainda “mediocre” porque não tinham terminado o curso em Córdoba (ou seja, os três anos de artes e os quatro de teologia) (Morales, 2005, 420).

No catalogo segundo de 1631⁶⁶, de Comentali se diz que tem bons juizo, entendimento e prudência e possui “muita experiência das coisas em prol dos índios”, declara-se que tem “mediocre” formação humanistica e que sua compleição é “colérico-melancólica”. Por fim, se indica que é “muito apto para o ministerio junto aos índios”. No

⁶² ARSI, Paraq. 4-I, folha 54.

⁶³ ARSI, Paraq. 4-I, 71v n. 70.

⁶⁴ ARSI, Paraq. 4-I, 81v. O temperamento colérico-melancolico resulta da combinação de dois humores opostos, mas aparece com certa frequencia nos catalogos jesuitas (Massimi (2000).

⁶⁵ ARSI, Paraq. 4-I, 98, n. 156 e Paraq. 4-I, 107.

⁶⁶ ARSI, Paraq. 4-I, 123 n. 123; Paraq. 4-I, f. 131.

catalogo de 1647⁶⁷ se confirma novamente que Pietro Comentali é “apto para atuar junto aos índios e hispanicos”. Em 1651, no catalogo primeiro⁶⁸ Comentali é indicado ser apto para o ensino, ou para o ministerio junto a índios e hispânicos e, no catalogo segundo⁶⁹, se registra que dispoe de bons juízo, engenho, prudência, que possui “longa experiencia das coisas”, mas “mediocre” formação em letras e complexão “temperata”. No catálogo primeiro de 1656⁷⁰, Comentali é descrito tendo “forças integras”, e dessa vez reconhecido apto para o ensino de humanidades, e no catalogo segundo, é indicado como possuindo boas qualidades intelectuais e “muita experiência das coisas”, de complexão “colérico-temperada” e apto aos ministérios junto aos hispânicos e aos índios. Nos últimos anos da vida, no catálogo segundo de 1660⁷¹, Comentali é descrito como dotado de “longa” experiência das coisas, de bom engenho e medíocres prudência e juízo, de constituição “temperada” e com talento para o ministério “junto aos índios e hispânicos”. Chamam a atenção as variações quanto à definição do temperamento de Comentali, definido de modos muito diferente em cada catálogo, inclusive associando tipo de temperamentos que seriam entre si opostos como o fleumático ao colérico e o colérico ao melancólico. Todavia, deve se levar em conta que especialmente em contextos desafiadores e geograficamente amplos como o das reduções, os provinciais não tinham frequentes oportunidades de observar os comportamentos e as características psicossomáticas de seus súbditos.

Nos últimos anos de vida, Comentali atuou em Santa Fé, Buenos Aires e em outras reduções. Faleceu aos 13 de maio 1664 na redução de San Ignacio Guazu. (Storni, 1980, 16 e 17).

O ato de escrever cartas acompanhou Pietro Comentali ao longo da existência, antes na forma de *indipetae* e depois na correspondência missionaria. O Padre Geral Muzio Vitelleschi foi seu interlocutor no período da formação do desejo missionário e no tempo de sua realização nas terras latino americanas. As cartas foram um dos meios recorrentes desse relacionamento⁷². Através da leitura delas, foi possível reconstruir etapas importantes de sua biografia e também alguns traços de sua personalidade. Chama a atenção o fato que assim como já solicitara numa de suas *indipetae*, em 1616, ele considerava que a necessidade de completar os estudos não podia adiar seu desejo missionário, uma vez na Província do Paraguai, seu superior também afirmou posição análoga, ministrando-lhe os votos antes do cumprimento do periodo de formação exigido pelas normas da Companhia, merecendo assim a reprimenda do Padre Geral. Apesar do forte anseio de gosar do “paraíso das delícias na terra”, um jesuita exemplar devia obedecer aos tempos necessários para a formação. Todavia, a impaciência do jovem postulante associou-se àquela de seu pragmatico superior imediato, de modo que a inteira vida missionária de Comentali se passou a serviço dos guaranis das reduções.

⁶⁷ ARSI, Paraq, 4-I, 161v n. 140.

⁶⁸ ARSI, Paraq, 4-I, f. 176, n. 135.

⁶⁹ ARSI, Paraq, 4-I, f. 187, n. 135.

⁷⁰ ARSI, Paraq. 4-I, folha 200, n. 124; f. 209, n. 124.

⁷¹ ARSI, Paraq. 4-1 fl.231v, n. 136.

⁷² Sobre a importância do relacionamento de obediência e devoção filial com o Padre Geral se veja Colombo & Massimi, 2014.

Conclusão

Os quatro missionários italianos na Província do Paraguai de quem acompanhamos as histórias testemunharam de modo exemplar, nas palavras de suas cartas e nos atos de suas vidas, o carisma missionário inaciano: marcado pela abertura ao horizonte do mundo ("na Índia, ou em qualquer outra parte do mundo"); pela consciência grata de terem sido chamados a uma história de salvação ("do Egito do mundo, ao porto da saúde"); pelo intenso desejo de partir dando a vida ao serviço dos homens ("o crescer do desejo que não deixa quieto"); pelo reconhecimento de que estar no lugar de missão, por mais árduo, impérvio e até hostil que seja, é a fonte da consolação ("ao Paraíso das delícias na Terra"). Tudo isto parece corresponder ao que Inácio exigia no Exame dos que pediam para se tornarem membros da Companhia de Jesus: eles deviam possuir o

desejo de sofrer insultos, falsos testemunhos, afrontas, e de ser pensados e estimados tolos (sem, no entanto, dar qualquer ocasião para isso), movidos pelo desejo de se parecerem e imitarem em alguma medida nosso Criador e Senhor Jesus Cristo, vestindo seu manto e uniforme, precisamente porque Ele se revestiu disso para nosso maior lucro espiritual e assim nos deu um exemplo, para que em todas as coisas possíveis para nós, por Sua graça, possamos procurar imitá-lo e segui-lo, pois Ele é o caminho que conduz os homens à vida. (Examen, capítulo IV, nº 44).

A correspondência intensa entre os jesuitas, os provinciais e o Padre Geral evidencia como esse testemunho se torna possível através de uma trama de relações marcada pela partilha, pelo juízo comum, pela obediência.

Referências bibliográficas

Arquivos

ARSI (Arquivo Romano da Companhia de Jesus).

Bibliografia

Colombo, E.; Massimi, M. (2014). *In viaggio. Gesuiti italiani candidati alle missioni tra antica e nuova Compagnia*. Milan: Il Sole 24 ore.

Cortesão, J. (1951). *Manuscritos da Coleção de Angelis, I. Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Tomo 1, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional

Dalcin, I. (2017). *Fascínio e Mistério nas ruínas das missões*. Passo Fundo: Berthier.

Fleck, E. C. D. (2013). "La sangre de los mártires es la semilla de cristianos nuevos": a consagração póstuma de missionários jesuítas (Província Jesuítica do Paraguai - século XVII). *Revista de História (São Paulo)*, (168), 351-381.

Frías, S. (2002). La dignidade del indígena em los escritos de Diego de Torres. *Anuário del CEH*, n. 2-3. Ano 2, 321-336.

- Furlong SJ, G. (1936). *Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata*. T. II. Buenos Aires: Talleres; S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda.
- (1963). *Justo Van Suerck y su "Carta sobre Buenos Aires" 1629*. Buenos Aires: Theoría.
- Galindo, S., & Rodríguez-Meza, M.A.. (2011). Buenaventura Suarez, S.J. (1679-1750) Part 1: Telescope maker, Jovian satellites observer. *Revista mexicana de física E*, 57(2), 121-133.
- Góis, M. (1957). *Disputas do Curso Conimbricense sobre os Livros da Moral a Nicômano de Aristóteles, em que se contém alguns dos principais capítulos da Moral*. Lisboa: Na Oficina de Simão Lopes, 1593. Edição moderna organizada e traduzida por Banha de Andrade, Lisboa.
- Guida, F. (2014). Da San Cesario di Lecce alle Riduzioni gesuite del Sud America. *Cultura Salentina. Rivista di Cultura e pensiero Meridionale.* <https://culturasalentina.wordpress.com/2014/04/14/da-san-cesario-di-lecce-alle-riduzioni-gesuite-del-sud-america/#more-15626>
- (2015). *Adriano Formoso da Sancesario di Lecce 1601-1649. Un gesuita salentino nelle Missioni del Sudamerica*, Società di Storia Patria Puglia, Sezione di Lecce, Trepuzzi, Maffei.
- Hernández SJ, P. (1913). *Organización social de las doctrinas guaraníes de la compañía de Jesús. Tomo I*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Jarque, F. (1664). *Vida apostólica del venerable Padre Josef Cataldino, uno de los primeros, y más insignes conquistadores de las dilatadas provincias y bárbaras naciones del Guayra. Valeroso soldado de la Mínima, y Máxima Compañía de Jesús*. Zaragoza: Oficina de Iván de Ybar.
- Leonhardt SI, C. (1927). *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús. 1609-1614, Iglesia, Tomo XIX*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.
- (1929). *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús, 1615-1637. Iglesia, Tomo XX*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.
- Levinton, N. (2018). Joseph Cataldini y la fundación de pueblos en el Guayrá por aproximaciones sucesivas: hay que saber entenderse. *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica* Vol. 6 nº 1 enero-junio 2018,
- Loyola, I. (1952). *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca Autores Católicos.
- Maeder, E. J. A. (1984). *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, 1637-1639*. Advertencia de Ernesto J. A. Maeder. Introducción y notas de Hugo Storni SJ. Buenos Aires: FECIC.
- (1990). *Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay 1632-1634*. Buenos Aires: Academia Nacional de Ciencias.

- Massimi, M. (2000). La teoria dei temperamenti nei cataloghi dei gesuiti in missioni in Brasile nei secoli XVI e XVII", *Physis*, 37, 137-149.
- (2014). Narrativas autobiográficas nas cartas de jovens jesuítas do século XVII ao século XX. *Mnemosine* Vol.10, nº 1, 23-43.
- (2010). *A teoria dos temperamentos e suas aplicações nos trópicos*. Ribeirão Preto: Holos.
- (2022). "Indipetae e conoscenze psicologiche." In *Cinque secoli di Letterae Indipetae. Il desiderio delle missioni nella Compagnia di Gesù*, edited by Girolamo Imbruglia, Pierre-Antoine Fabre, and Guido Mongini, 404–25. Rome: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- Massimi, M.; Prudente A. B. (2002). *Un incendio desejo das Índias*. São Paulo: Edições Loyola.
- Massimi, M.; Vilela e Souza L. (2002). "Il desiderio dell'oltremare nelle litterae Indipetae: le condizioni psicologiche per l'azione nella narrativa di giovani gesuiti del sedicesimo secolo". *Memorandum*, 3, 55–71.
- Massimi, M.; Brunello, M. (2016). "Indipetae e conoscenza di sé: discernimento ignaziano e psicologia moderna nel XX secolo", *Ricerche di Storia Sociale e Religiosa*, 88, 119–152.
- Massimi, M.; Pacheco, P. R. A. (2005). "O conhecimento de si nas Litterae Indipetae", *Estudos de Psicologia (Campinas, Brazil)*, 10, 345–54.
- Morales SI, M. (2005). *A mis manos han llegado. Cartas de los PP Generales a la Antigua Provincia del Paraguay, (1608-1639)*. Madrid-Roma. Universidade Comillas-Institutum Historicum Societatis Iesu. Monumenta Historica Societatis Iesu, Serie Nova, vol. 1.
- Neris C. J.; Rojas L.M. (2023). *La labor evangelizadora de los PP. Simón Mascetta y José Cataldino durante la etapa fundacional de la provincia jesuítica del Paraguay*; Em: López Castillo G. & Page, C. A. (org.). *La presencia de jesuitas italianos en Iberoamerica colonial*, (103-129). <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/ebooks>
- Page, C. A. (2004). *El Colegio Máximo de Córdoba (Argentina) según las Cartas Anuas de la Compañía de Jesús*. Documentos para la Historia de la Compañía de Jesús en Córdoba, Córdoba: BR Copias.
- (2007). *Los viajes de Europa a Buenos Aires según las crónicas de los jesuitas de los siglos XVII y XVIII*. Córdoba: Báez ediciones.
- (2019). *El Primer Jesuita. Origen de las Reducciones del Paraguay*. Posadas: Ediciones Montoya.
- (2023). De las indipetae al viaje a Buenos Aires. Primeros jesuitas italianos en el Río de la Plata hasta las restricciones de Felipe IV. Em: López Castillo, G. & Page, C. A. (org.). *La presencia de jesuitas italianos em Iberoamerica colonial*, (19-38). <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/ebooks>

- Parellada C.; Cremonese C; Battistelli E.; Saraiva M. (2006). *Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes*. Curitiba: Provopar Ação Social, 64p., www.artenossa.pr.gov.br.
- Parellada, C. (2005). *Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, www.teses.usp.br
- (2007). *Arqueologia dos Campos Gerais. Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná*. Ponta Grossa. Editora UEPG.
- Pastells, R. P. P. SI (1912). *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.
- Quevedo, J. (2000). *Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ruiz de Montoya SI, A. (1997) *Conquista Espiritual*. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor.
- Soto Artuñedo SI, W. (2023). La Mission di Padre Cataldini. *L’Azione*, Fabriano, 22 febbraio, 24.
- Storni SI, H. (1980). *Catálogo de los Jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585- 1768*. Roma Institutum Historicum SI.
- Techo SJ, N. del (1897/1673]. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Tomo 1. Madrid: Librería y Casa Editora A. de Uribe y Compañía.